

“Só aqui no Icó nós temos, uma festa bonita assim”: sacralização do espaço e da memória na festa do Senhor do Bonfim de Icó/CE

Magno Francisco de Jesus Santos¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i30.36820>

Resumo: Criada nos idos de 1749, a Festa do Senhor do Bonfim de Icó é considerada uma das mais expressivas manifestações de fé e o terceiro maior santuário do Ceará, após o de Nossa Senhora das Dores em Juazeiro do Norte e o de São Francisco das Chagas em Canindé. Trata-se, portanto, de uma festa que reúne cerca de trinta mil romeiros no primeiro dia do ano e mobiliza grande parte da população da mesorregião Centro-Sul Cearense. Neste artigo temos o objetivo de entender a sacralização do espaço e da memória, por meio dos usos do passado atrelados aos episódios centrais da Festa do Senhor do Bonfim. Para isso, foi utilizada como fonte os textos produzidos por historiadores memorialistas e escritos de divulgação do evento.

Palavras-chave: santuário, Senhor do Bonfim, usos do passado, espaço.

"Only here we had, we have a beautiful feast so": sacralization of space and memory at the feast of the lord of the Bomfim of Icó, in Ceará, Brazil

Abstract: Created in the year 1749, the Feast of “Senhor do Bonfim” de Icó is considered one of the most expressive manifestations of faith and the third largest sanctuary in Ceará, after “Nossa Senhora das Dores” in “Juazeiro do Norte” and “São Francisco das Chagas” in “Canindé”. It is, therefore, a celebration that brings together about thirty thousand pilgrims on the first day of the year and mobilizes a large part of the population of the mesoregion of Ceará State. In this article we aim to understand the sacredness of space and memory, through the uses of the past tied to the central episodes of the Feast of the Lord of Bonfim. For that, it was used as source the texts produced by memorialist historians and writings of divulgation of the event.

Keywords: sanctuary, Lord of Bonfim, uses of the past, space.

¹Professor Adjunto do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN. Doutor em História pela UFF. Integrante do Grupo de Pesquisa Teoria da História, Historiografia e História dos Espaços e do Laboratório de experimentação em História Social da UFRN. E-mail: magnosantos@cchla.ufrn.br.

"Sólo aquí en el Icó tenemos, una fiesta bonita así": sacralización del espacio y de la memoria en la fiesta del Señor del Bonfim de Icó / CE

Resumen: Creada en los años 1749, la Fiesta del Señor del Bonfim de Icó es considerada una de las más expresivas manifestaciones de fe y el tercer mayor santuario de Ceará, después del de Nuestra Señora de los Dolores en Juazeiro do Norte y el de San Francisco de las Chagas en Canindé. Se trata, por lo tanto, de una fiesta que reúne cerca de treinta mil romeros el primer día del año y moviliza gran parte de la población de la mesorregión Centro-Sur Cearense. En este artículo tenemos el objetivo de entender la sacralización del espacio y de la memoria, por medio de los usos del pasado acoplados a los episodios centrales de la Fiesta del Señor del Bonfim. Para ello, se utilizó como fuente los textos producidos por historiadores memorialistas y escritos de divulgación del evento.

Palabras clave: santuario, Señor de Bonfim, usos del pasado, espacio.

Recebido em 22/04/2017 - Aprovado em 30/04/06/2017

1.Introdução

Só aqui no Icó nós temos,
Uma festa bonita assim!
Onde todos se reúnem
Louvando o Senhor do Bonfim.
Os pobres estão sofrendo,
Neste mundo de opressão
Onde o povo com esperança,
Esperando a libertação.²

A epígrafe acima elucida algumas características centrais da festa do Senhor do Bonfim na cidade de Icó, no sertão cearense. O canto mostra-se como a ressonância do orgulho da população local em relação à festividade, como algo único, de beleza exemplar. A Festa do Bonfim é tratada como a maior expressão da cidade conhecida por suas tradições e pelo mais significativo acervo de bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no Ceará. A cidade do Centro Sul cearense, considerada o terceiro núcleo urbano do estado,³ apresenta-se também como

² Canto executado no momento da subida da imagem do Senhor do Bonfim, na tarde do dia 6 de janeiro, no Santuário Senhor do Bonfim de Icó.

³ Fundada em 1738, Icó foi antecedida apenas por Aquiraz (1699) e Fortaleza (1726). A vila do Aracati foi fundada posteriormente (1747).

espaço devocional, com a reunião de romeiros em torno da devoção ao Cristo crucificado. O lócus do passado, capaz de reunir um arsenal de manifestações religiosas, de coadunar as esferas materiais e imateriais do patrimônio cultural.

Neste sentido, a festa do Senhor do Bonfim se torna o elo responsável por unir Icó às grandes romarias do Juazeiro do Norte⁴ e de Canindé.⁵ Como a população orgulhosamente costuma dizer, “Icó tem a terceira maior romaria do Ceará” e “a festa mais antiga”. A cidade cravada às margens do Rio Salgado, ao longo do século XIX, era o palco da maior romaria do Ceará (LIMA, 1994), com a festa do Bonfim. No mesmo século, a devoção ao Cristo crucificado perdeu espaço para as emergentes festas de São Francisco e, principalmente, para as romarias do Juazeiro. Mesmo assim, ainda no século XXI, Icó erige-se como o espaço da história, com a preservação das relíquias arquitetônicas do passado cearense e das tradições, com sua romaria para o Senhor do Bonfim, considerada a de maior longevidade em todo o estado.

A trajetória da festa, criada nos idos de 1749, remonta a interlocução entre os leigos, membros da Irmandade do Senhor do Bonfim, as lideranças políticas e o clero, por meio da Paróquia Nossa Senhora da Expectação. Possivelmente, a paróquia de Icó tenha sido criada ainda no alvorecer do século XVIII. Um dos principais estudiosos da história da cidade, no período oitocentista, o médico francês Pedro Théberge, afirma que “não foi possível descobrir a data de fundação desta freguesia, sei já estava provida de vigário em 1715” (THÉBERGE, 1884, p. 101). Desse modo, a devoção do Senhor do Bonfim teria sido introduzida na localidade ainda nos primeiros momentos de organização da estrutura eclesiástica.

Apesar da longevidade da festa e das amplas possibilidades de discussão acerca dos conflitos existentes no processo de organização da romaria nos tempos idos, esse artigo tem como foco uma perspectiva da história do tempo presente, com os usos do passado no processo de construção de espacialidades e temporalidades no enredo festivo. Com isso, o presente texto tem o propósito de entender a sacralização do espaço e da memória, por meio dos usos do passado atrelados aos episódios centrais da Festa do Senhor do Bonfim. Na referida solenidade, o passado mítico se torna o argumento da permanência de determinadas práticas inseridas no contexto da festa, ou seja, o mito

⁴ As principais romarias do Juazeiro do Norte são: das Candeias (2 de fevereiro), das Dores (15 de setembro) e de Finados (2 de novembro). Além disso, ocorrem romarias de menor expressão, como a do Natal, de São Sebastião, do Nascimento do Padre Cícero, da Semana Santa e da Morte do Padre Cícero, além das romarias realizadas no dia 20 de cada mês.

⁵ Trata-se da romaria de São Francisco das Chagas, que até meados do século XX, era a maior do Ceará.

alimenta as práticas tidas como tradicionais, enquanto a dinâmica social da festa promove a inserção de novas tradições.

Neste sentido, trataremos as tradições da festa como uma invenção, um ato criativo, a ação social de construir uma justificativa para atender às demandas do presente. As manifestações culturais associadas ao evento religioso são sedimentadas na tradição, nas lendas que perpassam a memória coletiva. De acordo com Eric Hobsbawm e Terence Ranger:

Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regra tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM, RANGER, 1997, p. 9).

Na perspectiva defendida pelos historiadores, as tradições inventadas apresentam uma finalidade de se constituir modelos para a sociedade no tempo presente, regular as ações por meio da repetição. Além disso, não é necessário existir uma longevidade vasta para ser considerada tradição. Elas podem ser tanto remotas, perdidas nas brumas do tempo, como recentes, criadas no tempo imediato. Todavia, no enunciado de Eric Hobsbawm e Terence Ranger, não fica explícito se todas as tradições seriam inventadas ou se as mesmas seriam casos específicos. Essa dubiedade presente na assertiva dos referidos autores necessita ser repensada, ao considerarmos o fato de todas as práticas culturais terem sido inventadas em determinado momento. Além disso, também se torna salutar pensar como as tradições, além de terem sido inventadas, são reinventadas em outros momentos, dentro da própria dinâmica social.

Com isso, as tradições do Icó atinentes à festa do Senhor do Bonfim são consideradas como expressões socialmente inventadas, estratégias utilizadas para construir um espaço festivo. Nos dias de festa, a cidade é invadida por um elevado contingente de romeiros, visitantes, curiosos e familiares que migraram para outras plagas e retornam em decorrência da romaria. O centro histórico da cidade passa por mudanças, com a visitação dos templos pelos romeiros, edificação de palcos para as missas campais, a ornamentação das fachadas das casas para a procissão, além do arco, do tapete e das

famigeradas bombas⁶ propagadas respectivamente na antiga Rua Grande e do Largo Théberge para delinear a passagem do carro-andor.

De um lado do largo, apinham-se os romeiros, rezando para o Senhor do Bonfim. Na margem oposta, homens descamisados e punhos erguidos cantam diante das bombas que explodem ao longo do trecho de aproximadamente um quilômetro entre a Igreja São José e o Teatro Ribeira do Icó. Na hora da procissão, os espaços apresentam diferentes conotações, construindo sentidos díspares e complementares do enredo festivo na malha urbana da velha cidade, por meio de experiências sociais próprias. De acordo com Yu-Fu Tuan, “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 1983, p. 9). Essas diferentes práticas ou usos do espaço urbano reverbera a constituição de leituras distintas, de experiências vivenciadas por grupos diferentes. Com isso, é pertinente defender a ideia na qual “a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (TUAN, 1983, p. 10).

2.Senhor do Bonfim e a devoção ao Cristo sofredor

A experiência do romeiro no centro histórico de Icó é margeada pela presença dos templos católicos, muitos dos quais relíquias do patrimônio cultural cearense. No enredo festivo, muitas dessas igrejas se tornam palco das celebrações ou das visitas penitenciais dos romeiros. Contudo, as principais atividades ocorrem no Largo Theberge, com as missas na Igreja Matriz Nossa Senhora da Expectação, a missa festiva na Igreja São José (a maior da cidade) e os rituais devocionais ao Senhor do Bonfim, no seu santuário, como a descida e subida da imagem ao trono do altar-mor, as novenas, o ofício do Senhor do Bonfim, o depósito dos ex-votos na sala dos milagres e a saída e chegada da procissão. Os cultos concentram-se nos dois mais antigos templos da cidade, conforme pode ser observado no Quadro I:⁷

Igreja				Ano de construção	Localização
Igreja Matriz	Nossa Senhora da	Expectação		1709	Largo Théberge
Igreja Santuário	Senhor do Bonfim			1749	Largo Théberge

⁶ As bombas do Senhor do Bomfim são explosivos, peças de artifício que estouram entre a Igreja São José e o Sobrado do Barão do Crato, ao lado do Santuário Senhor do Bonfim. Trata-se de um espetáculo pirotécnico, com os projeteis expostos no logradouro do Largo Theberge, na qual a queima acompanha o percurso da chegada da procissão, no lado oposto do largo.

⁷ Quadro elaborado pelo autor. Fonte: Furtado (2008) e Lima (1994).

Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	1770	Rua General Piragibe
Igreja Nossa Senhora da Conceição do Monte	1819	Monte
Igreja Sagrado Coração de Jesus	1884	Várzea do Colégio
Igreja São José	1960	Largo Théberge

Quadro I: Templos do centro Histórico de Icó.

Fonte: Furtado (2008) e Lima (1994).

A romaria do Senhor do Bonfim de Icó é permeada por práticas atinentes ao catolicismo das camadas populares, com a presença dos promesseiros que acompanham a procissão vestidos em mortalhas ou carregando pedras sobre a cabeça, bem como pelo depósito dos ex-votos. No santuário, existe uma sala próxima à sacristia na qual as promessas são deixadas como testemunhos dos inúmeros milagres operados pela imagem do Cristo crucificado. Trata-se de um acervo constituído por fotografias e objetos representando partes do corpo. Os sofrimentos da imagem do crucificado são identificados com os martírios sofridos pela humanidade. O Senhor do Bonfim ensanguentado e permeado de chagas passa a ser visto como a síntese das dores da humanidade. De acordo com Michel Vovelle, “o fenômeno religioso se torna popular quando o homem humaniza a divindade para senti-la mais próxima, e quando deseja captar seu poder através de técnicas que inventa” (VOVELLE, 1998, p. 133).

Neste sentido, a compreensão da devoção ao Senhor do Bonfim em Icó deve levar em consideração algumas questões atinentes ao catolicismo das camadas populares no Brasil, principalmente em relação ao culto ao Bom Jesus Sofredor. Em artigo célebre, Riolando Azzi apresentou algumas das principais características desse culto:

A característica fundamental da devoção ao Bom Jesus é seu aspecto leigo e social. Tal devoção tem suas origens no período medieval, quando a Igreja se identifica com a própria sociedade católica, sob o modelo de Cristandade. Essa concepção eclesial foi trazida pelos portugueses para o Brasil, pois a implantação do catolicismo se fez sob o Padroado régio. Desse modo a fé católica chega ao Brasil, inserida no próprio projeto colonizador (AZZI, 1986, p. 216).

Percebe-se como o culto ao Cristo sofredor encontra-se inserido no processo de colonização do Brasil pelos portugueses e por esse motivo a devoção é associada a uma herança da Europa ibérica. Contudo, na experiência histórica brasileira, a devoção passou por profundas transformações, adaptando-se a diferentes contextos sociais, econômicos e regionais. Todavia, o principal ponto de confluência entre os santuários dedicados ao Bom Jesus era a presença dos leigos por meio das irmandades e confrarias. Eram os leigos os responsáveis pela propagação dos festejos, arrecadação de donativos e até mesmo a contratação de padres e coros para animar as celebrações. De acordo com Riolando Azzi:

O Bom Jesus era cultuado tanto em oratórios domésticos, como em cruzeiros e vias-sacras erigidos em lugar de destaque perto ou mesmo dentro de vilas e cidades coloniais. Com frequência a devoção era incrementada através de confrarias e irmandades, cujos membros se encarregavam da construção da capela ou ermida, bem como zelavam pela manutenção e pelo brilho de suas festas. Nesse tipo de organização religiosa atuavam principalmente os homens, e só paulatinamente as mulheres foram abrindo espaço para a sua presença. Alguns desses locais de devoção tornaram-se célebres, transformando-se com o tempo em meta de romarias (AZZI, 1986, p. 217).

Esses centros de romarias devotados ao Bom Jesus encontram-se difundidos em diferentes estados e regiões do Brasil e denotam os passos de Cristo a caminho do Calvário, com a Paixão e Morte. Para Azzi, essas devoções constituem o “chamado ciclo da Paixão”, no qual “Os principais eventos enfocados pelos devotos do Bom Jesus são quatro: A Coroação de Espinhos e a Flagelação de Cristo, o Caminho doloroso do Calvário, a Morte na Cruz e por último o seu sepultamento” (AZZI, 1986, p. 217). Entretanto, é importante salientar que apesar de existir uma confluência de práticas penitenciais que aproximam tais romarias, as mesmas encontram-se subdivididas em diferentes ciclos do calendário festivo católico, como pode ser observado no Quadro II:⁸

⁸ Quadro elaborado pelo autor. Fonte: Santos (2015).

1º de janeiro	2º domingo da Epifania	2 de fevereiro	Quaresma	6 de agosto	14 de setembro
Bom Jesus dos Navegantes, Salvador	Senhor do Bonfim, Salvador	Senhor dos Pobres, Mumbaça (Traipu)	Senhor dos Passos, São Cristóvão	Bom Jesus do Iguape, Iguape	Bom Jesus do Livramento, Liberdade
Bom Jesus dos Navegantes, Aracaju	Bom Jesus dos Navegantes, Penedo		Senhor dos Passos, Florianópolis	Bom Jesus da Lapa, idem	Bom Jesus de Matosinhos, Paraíba do Sul
Bom Jesus dos Navegantes, Touros			Senhor dos Passos, Oiciras	Bom Jesus de Pirapora, Pirapora	Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas do Campo
Santo Cristo, Ipojuca			Senhor dos Passos, Imaruí	Bom Jesus dos Perdões, Perdões	Bom Jesus de Matosinhos, São João Del Rey
Senhor do Bonfim, Icó			Senhor Crucificado, Porto das Caixas	Bom Jesus de Tremembé, Tremembé	
Senhor do Bonfim, Aracati				Bom Jesus da Cana Verde, Siqueira Campos	
				Senhor do Bonfim, Natividade	

Quadro II: Datas das festas dos santuários do Bom Jesus Sofredor.

Fonte: Santos (2015).

O Quadro II apresenta alguns dados relevantes para a compreensão dos diferentes ciclos festivos em torno da devoção ao Cristo sofredor. O calendário de romarias do Bom Jesus perpassa por seis momentos. Deles, destaca-se o período quaresmal, momento no qual inúmeras paróquias no Brasil solenizam os martírios de Cristo a caminho do calvário. Nesse período ocorrem as principais manifestações devocionais em torno do Senhor dos Passos, imagem do Jesus com a cruz às costas, em queda. Três cidades se destacam pelo elevado contingente de romeiros (São Cristóvão, Oeiras e Florianópolis). Essas celebrações ocorrem ao longo dos domingos da Quaresma e podem chegar a reunir mais de cento e cinquenta mil romeiros, como é o caso da cidade de São Cristóvão.

O dia com o maior número de celebrações é o seis de agosto, data na qual o calendário litúrgico celebra a memória da “Transfiguração do Senhor”. Essa é data das romarias nos quatro santuários paulistas, no Paraná, Tocantins e do grande Santuário de Bom Jesus da Lapa, no sertão baiano. No caso do santuário paranaense e dos paulistas, a imagem devocional é a do Ecce Homo, ou seja, o Cristo em pé com as mãos amarradas e apresentado ao público. Outra data com um número considerável de celebrações é o dia 14 de setembro, data festiva da “Exaltação da Santa Cruz”. Nessa data, ocorrem as romarias do Bom Jesus nos santuários mineiros, especialmente com a devoção ao Bom Jesus de Matosinhos, com o Cristo crucificado.

No caso de Mumbaca, na zona rural de Traipu, a data da celebração é a da festa litúrgica da “Apresentação de Jesus”, quando teria ocorrido a profecia de Simeão sobre a morte de Cristo. Possivelmente, essa romaria deve ser uma reminiscência das antigas festas do Bom Jesus sofredor do período oitocentista, quando ocorriam no dia 2 de fevereiro, as festas do Senhor do Bonfim de Aracati até o início do século XX (SANTOS, 1917). No caso do Senhor do Bonfim da Bahia e do Bom Jesus dos Navegantes de Penedo, percebe-se se tratar de casos específicos, com uma preocupação em inserir a grande festa em uma data próxima do período litúrgico da Epifania.

As celebrações realizadas no dia primeiro do ano encontram-se na área litorânea do nordeste brasileiro, com a predominância das procissões do Bom Jesus dos Navegantes em Salvador, Aracaju e Touros. Ressalta-se o fato de todas as celebrações desse dia envolver a imagem do Cristo crucificado, tanto nas festas dos Navegantes, como na do Senhor do Bonfim e do Santo Cristo. O Bom Jesus, agonizante, nos últimos instantes de vida, se torna o protetor dos devotos no alvorecer do novo ano. Percebe-se uma perspectiva cíclica, na qual morte e vida perpassam pela ideia de “ano findo” e “ano bom”, como um retorno para novas oportunidades.

Neste sentido, o Senhor do Bonfim em Icó insere-se nas festas das chamadas janeiras, ocasião na qual os romeiros celebram o Natal, reis magos e o emergir do novo

ano. No mesmo contexto no qual ocorrem as celebrações do nascimento de Cristo, a cidade sertaneja soleniza com pompa os últimos momentos do Cristo humanizado. A romaria do Icó inscreve-se no campo devocional ao Cristo sofredor, como pode ser observado na Figura I.⁹



FIGURA I: Senhor do Bonfim de Icó
Fonte: Acervo do IPHAN.

⁹ Figura I: Senhor do Bonfim de Icó. Fonte: Acervo do IPHAN.

Observa-se por meio da Figura I uma questão relevante, pois ao contrário do que ocorre em outras localidades, a imagem do Senhor do Bonfim não representa o Cristo morto, mas nos últimos suspiros, ainda com os olhos entreabertos. Em Icó, além do resplendor, a imagem encontra-se coroada. Nas memórias acerca da origem da imagem, há uma preocupação em relacionar com a chegada do Senhor do Bonfim de Salvador. De acordo com a tradição oral, as imagens destinadas às igrejas de Salvador e Icó foram desembarcadas no Porto de Salvador. Na capital baiana, teria ocorrido uma troca e a imagem destinada à Bahia teria sido levada para Icó. Observe as imagens do Senhor do Bonfim de Salvador e de Icó, com as Figuras II e III:¹⁰



Figuras II e III: Senhor do Bonfim de Icó e Salvador

Fonte: Amanda Alves (Pascom Icó) e Santuário Senhor do Bonfim da Bahia.

As duas imagens apresentam inúmeros elementos em comum, como a cabeça inclinada para a direita e o pé esquerdo sobreposto ao direito. Contudo, apesar da documentação histórica enfatizar o fato das imagens serem oriundas do mesmo período, dificilmente pode-se afirmar se tratar do mesmo artista. Os traços apresentados são totalmente distintos, com ênfase para a escultura de Icó, que apresenta todo o corpo permeado de chagas. Além disso, o Senhor do Bomfim da Bahia apresenta o corpo

¹⁰ Figuras II e III: Imagens do Senhor do Bonfim de Icó e Salvador. Fonte: Amanda Alves (Pascom Icó) e Santuário Senhor do Bonfim da Bahia.

estendido à frente, como em sinal de dor, simbolizando a aflição da passagem da vida para a morte.

3.O patrimônio mnemônico do Senhor do Bonfim

Além de enfatizar a chegada da imagem esculpida em Portugal pela cidade de Salvador, as narrativas mnemônicas também elucidam as dificuldades no transporte por terra entre Salvador e Icó. De acordo com Honório Barbosa, “segundo registros históricos, a imagem de Senhor do Bonfim, talhada em madeira, veio de Portugal e chegou a Icó há 257 anos, transportada de Salvador até o sertão cearense, numa rede, por uma turma de homens que fizeram o caminho a pé” (BARBOSA, 2007, p. 1). O historiador memorialista Miguel Lima informa como a tradição da festa em Icó teve início nos idos de 1749, em decorrência de um voto realizado pela esposa de um influente político da localidade, o capitão-mor Bento da Silva. Ele teria encomendado uma imagem portuguesa para ser alocada na igreja que construía. Ainda de acordo com o jornalista Honório Barbosa, a longa caminhada de transporte da imagem devocional teria durado aproximadamente um ano, dando origem às práticas votivas penitenciais na cidade (BARBOSA, 2016).

Paulatinamente, a festa do Senhor do Bonfim se transformou no principal momento de efervescência cultural da cidade, ultrapassando os limites municipais com a atração de romeiros dos estados do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. Um indício da grandiosidade da romaria é o fato da festa do Bonfim reunir um número de devotos infinitamente superior ao da festa da padroeira, Nossa Senhora da Expectação. O Senhor do Bonfim, mesmo não sendo patrono da cidade, tornou-se o protetor das camadas populares dos sertões cearenses. A presença de camponeses nos seus festejos elucidam a relevância do crucificado no imaginário da população rural. Todavia, a devoção não era exclusiva dos segmentos populares, conforme pode ser observado na Figura IV.¹¹

¹¹ Figura IV: Festa do Senhor do Bonfim em Icó nos anos 20 do século XX. Fonte: Acervo do IPHAN.



FIGURA IV: Festa do Senhor do Bonfim em Icó nos anos 20.

Fonte: Acervo do IPHAN.

A imagem elucida a procissão do Senhor do Bonfim com a presença de alguns elementos que permanecem no tempo presente, como o arco em torno da imagem e os dois anjos ladeando o Cristo agonizante. Destaca-se a presença de diferentes segmentos populares e de homens da elite, possivelmente integrantes da Irmandade do Senhor do Bonfim. Outro destaque é o registro de práticas votivas, como crianças vestidas de anjos e mulheres amortalhadas. Apesar de não ter sido escolhido pelas elites eclesiásticas para ser o orago da freguesia, a imagem teria escolhido a localidade para defendê-la. Essa ideia está presente na narrativa acerca do primeiro milagre atribuído ao Senhor do Bonfim: De acordo com o texto publicado no *blog Icó na Rede*,

Relata a crônica popular que a imagem do Senhor do Bonfim foi trazida em procissão a pé de Salvador-BA até Icó. Após a chegada da imagem, providenciou-se o envio do dinheiro para o pagamento da sua compra, quando a pessoa foi efetuar o pagamento, foi informada de que a imagem já tinha sido paga, mas não revelaram o nome de quem fez tal ação (ICÓ NA REDE, 2013).

Um pagamento misterioso. A imagem, encomendada por membros da elite, teria sido paga por um desconhecido e no imaginário popular esse ator acabou por ser metamorfoseado no próprio Senhor do Bonfim, como um desígnio de sua vontade em permanecer nas terras do Icó. Na trama mnemônica da festa, a relação entre a devoção das elites e das camadas populares emerge de forma ambígua. Os atores do processo de criação dos momentos solenes aparentemente são os membros da aristocracia local, especialmente a elite oitocentista. Por outro lado, o protagonismo das celebrações reivindica a atuação das camadas populares. Essa ambivalência da presença de segmentos sociais antagônicos se faz presente nos registros iconográficos da festa no início do século XX, como ilustra a Figura V:¹²



FIGURA V: Festa do Senhor do Bonfim em Icó no início do século XX

Fonte: Acervo do IPHAN.

A Figura V demonstra os devotos saindo da Igreja do Senhor do Bonfim em dia de festa, com a presença da bandeira do patrono hasteada. Ao lado da referida igreja,

¹² Figura V. Festa do Senhor do Bonfim em Icó no início do século XX. Fonte: Acervo do IPHAN.

encontra-se o sobrado que pertenceu ao Barão do Crato, famigerado líder político da região. Mais uma vez o registro fotográfico aclara a divergência de segmentos sociais presentes na festa, com membros da elite contratando com grupos de promesseiros das camadas populares. Em relação às elites, chama a atenção o confronto político atribuído à criação de uma das principais atrações da festa do Senhor do Bonfim, com as famosas bombas explodidas no momento da chegada da imagem na procissão do primeiro dia do ano e da subida da mesma ao trono no dia seis de janeiro. De acordo com Rogério Furtado:

O sobrado do barão (Barão do Crato) ficava próximo ao de Glória (Glória Dias), que tinha tamarindeiros plantados em frente. Sob essas árvores, que ainda existem, se reunia o pessoal da fazenda de Glória Dias, com seus cavalos. O ajuntamento de pessoas e animais desgostava o barão, que prometeu derrubar os tamarindeiros. A vizinha não deixou por menos: espalhou aos quatro ventos que em troca explodiria o sobrado de Bernardo Duarte. O barão decidiu não pagar para ver. De acordo com a tradição, Glória Dias não blefava: tinha mesmo bom estoque de pólvora, que acumulara para o possível embate. Uma vez que o barão não quis experimentar o gosto dos explosivos, o produto foi usado para a feitura de fogos de artifício na festa do Senhor do Bonfim seguinte. O foguetório virou tradição, sendo um dos pontos altos da comemoração religiosa, que é uma das mais antigas e importantes do Ceará: em Icó, a devoção ao Senhor do Bonfim começou em 1749. Atualmente as festividades se iniciam em 23 de dezembro e se encerram em 1º de janeiro, com procissão e outras cerimônias (FURTADO, 2008, p. 69).

As famosas bombas do Senhor do Bonfim, um dos elementos icônicos da romaria, teria se originado de uma querela política entre duas das principais lideranças políticas da cidade no período oitocentista: de um lado o Barão do Crato, morador do sobrado ao lado do santuário e conhecido por suas perversidades em relação aos negros escravizados; do outro, Glória Dias, herdeira de Francisco Fernandes Vieira, o Visconde do Icó (PINTO, 1953). Como resultante desse impasse, a pólvora da discórdia teria sido utilizada para animar os festejos do Senhor do Bonfim.

Atualmente, a queima de fogos no momento da chegada da procissão é considerada um dos atrativos centrais de toda a romaria. Enquanto a imagem adentra o Largo Théberge, percorrendo o itinerário entre a Igreja São José e o Santuário do Senhor do Bonfim, na margem oposta ocorre a queima de fogos, com o estrondo de bombas ao longo de quase um quilômetro, saindo da igreja de São José, passando pela Matriz Nossa Senhora da Expectação e concluindo no Teatro Ribeira dos Icó, ao lado do santuário. Esse momento é marcado por uma sacralidade ambivalente. De um lado os romeiros erguem as mãos em direção ao crucificado, clamando por benção e agradecendo os milagres realizados. Do lado oposto, jovens com camisas erguidas gritam e acompanham a queima das bombas em êxtase. Aparentemente essa prática poderia ser vista como uma faceta profana em meio ao festejo religioso. Todavia, a queima de fogos não pode ser vista por uma perspectiva tão restritiva. As bombas também se encontram inseridas nas celebrações e reificam a vitalidade da própria devoção. Com elucida Mircea Eliade, o sagrado manifesta-se e “mostra como coisa absolutamente diferente do profano” (ELIADE, 2001, p. 20). Com isso, “pedras, árvores perdem o seu significado original, contudo continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do seu meio cósmico envolvente” (ELIADE, 2001, p. 21).

Por esse ângulo, o fogo oriundo da queima das bombas do Senhor do Bonfim não seria uma presença profana em festa sagrada, mas a outra face da sacralidade no espaço complexo da religiosidade. Os fogos acabam por exercer uma finalidade vital no enredo da festa, clamando a atenção de jovens e adultos, especialmente os dos romeiros oriundos da zona rural. A direção da fumaça da queima das bombas acaba sendo interpretada como uma previsão das chuvas ao longo do ano. Se elas se direcionarem para o lado do santuário e do Rio Salgado, seria um sinal de bom inverno. Caso contrário, direcionando-se para o lado da matriz, sinal indelével de estiagem. Neste caso, os gritos alucinantes dos jovens e as mãos erguidas seria uma forma de clamar ao Senhor do Bonfim o direcionamento da fumaça para as margens do Rio Salgado, com a garantia do sustento. O fogo é parte da festa. A jornalista Izabel Gurgel, no Jornal do Povo, sintetizou a relevância do fogo nos festejos do Senhor do Bonfim no Icó:

Todo dia primeiro de janeiro, cinco horas da tarde, o tempo se torna sagrado em Icó, cidade a 370 km de Fortaleza, na várzea do rio Salgado. Mulheres e homens que tiveram a graça de nascer lá, de morar em tão precioso chão, e até mesmo visitantes, viajantes, sabem sentindo, e sentindo é que nós humanos sabemos, todos eles, mulheres e homens, sabem que todo dia primeiro de janeiro, cinco horas da

tarde, outra ordem se estabelece. É a hora da saída da procissão do Senhor do Bonfim.

Cerca de duas horas e dois quilômetros depois, entre flores, volta ao santuário. Toda a produção coletiva da fartura de beleza posta em festa a cada dezembro encontra seu destino. Cidade-lapinha, Icó jardim-vagalume com presépios dentro e fora das casas, fachadas bordadas de luz, janelas e sacadas a multiplicar altares, cada pessoa no seu melhor enfeite, corpo e cidade feitos festa pública, essa Icó-exaltação é rio rumo à foz do dia primeiro de janeiro. O instante agora que virá acende cada um dos dias passados e vai ressoar nos dias que virão.

O Senhor do Bonfim vai chegando à igreja que o guarda e de onde guarda a cidade há mais de 250 anos e Icó vira explosão. Artesanais, em uma instalação que dizemos caminhos do fogo invocando caminhos outros – os das águas, os da indiada, os das boiadas -, as milhares de bombas do santo talvez atualizem como artefato-acontecimento, dando-lhes uma outra vazão, violências da fundação e feitura do que chamamos Ceará. É o maior dia do ano em Icó. Cada criatura amada ausente é lembrada, faz-se presente. Esteja em Itu ou Ipu, Inglaterra ou qualquer beira-mar, cada pessoa de laços incandescentes com Icó, estará sendo, sentindo(-se) Icó. Desconheço outra cidade que tem um dia, uma hora, em que todos, todas que conhecem tal cidade, desejem estar lá, pensem nela, vibrem por ela. O silêncio do lembrar-se, partilhado ou não, como uma imensa oração. Hoje (6 de janeiro), ao final do dia, o Senhor do Bonfim volta ao altar. É “a subida do santo” depois de uma semana entre os humanos. A “descida do santo” é na madrugada de todo primeiro de janeiro, o dia em que o mundo acaba em Icó. E começa outra vez (GURGEL, 2017, p. 1).

A fumaça seria um instrumento de comunicação entre o Senhor do Bonfim e a população do Icó. O espaço da folia e o espaço da devoção estariam interligados. Seriam duas facetas da sacralidade. Uma marcada pela eclosão entusiástica dos estrondos

dos fogos, a outra pelos gritos de “viva o Senhor do Bonfim”. Neste caso, no Icó, ocorre uma sacralização ambígua, polimorfa, similar à leitura de Isidoro Alves acerca do Círio de Nazaré, com o “carnaval devoto”. Assim,

A queima de fogos em louvor ao senhor do Bonfim no dia 1º de janeiro, além de proporcionar um espetáculo emocionante de luz, som e emoção, traz consigo uma expectativa para o sertanejo.

Trata-se da lendária crença de que, se a fumaça das bombas voltar-se para o lado da igreja do senhor do Bonfim em direção ao rio salgado, o inverno estará garantido. Se a fumaça tomar direção contrária, o ano será muito escasso de chuvas, talvez totalmente seco (ICÓ NA REDE, 2013).

Para o sertanejo, a água é um sinal de bênção, de salvação, como também de fim dos tempos. Se o fogo se torna um prenúncio de tempos de chuvas escassas ou generosas, o Santuário do Senhor do Bonfim emerge como a porta do apocalipse, com a presença da baleia adormecida. O Icó, marcado pelas longas estiagens, seria um braço de mar, que poderia sucumbir diante do desagravo dos homens. O elo protetor da catástrofe anunciada seria o Senhor do Bonfim e para isso exigia apenas a permanência em seu altar-mor.

O Senhor do Bonfim é mencionado em velha “profecia” de que Icó um dia ficaria submersa em um braço de mar. A catástrofe seria desencadeada pelo deslocamento de uma pedra, presa por correntes a uma serra próxima. Com isso, o local onde se encontra o altar-mor do Senhor do Bonfim viraria cama para uma baleia. Essa “predição”, desacreditada há muito, apresenta elementos curiosos e sugestivos, como a pedra que impede a irrupção do braço de mar e a presença da baleia (o leviatã?) em lugar sagrado. Mas chama a atenção o fato de que a abundância de água, tão sonhada por quem vive em regiões sujeitas a secas periódicas, chegaria a Icó como castigo, trazendo ainda mais sofrimento ao mundo dos vivos. Para os espíritos dos mortos, os da categoria dos ricos e sovinas, a imaginação do povo já previa punição exemplar: como almas-penadas não teriam sossego

enquanto não revelassem aos vivos os locais de enterramento de botijas recheadas de moedas de ouro e prata. Segundo a tradição, os latifundiários da região utilizavam com frequência essa modalidade de entesouramento (FURTADO, 2008, p. 69-71).

As águas como castigo, seguras por intermédio do Senhor do Bonfim. Esse enredo perpassa as lendas acerca da cidade e as narrativas de historiadores memorialistas como Lima (1994), Couto (1962) e Peixoto (2002). Aparentemente era uma lenda, uma narrativa mítica reproduzida por meio da tradição oral e explorada pelos cronistas. Todavia, nos idos dos anos 50, com o projeto de construção de uma nova igreja com capacidade de receber o grande número de romeiros, os usos do passado passaram a intermediar a ação no tempo presente. Para José Pessoa e Giorgio Piccinato,

Nos anos 50 do século passado iniciou-se finalmente a construção da maior e mais monumental igreja da cidade, a nova igreja do Senhor do Bonfim, ou igreja Nova, na rua Dr. Inácio Dias, antiga rua Larga. Foi terminada somente nos anos 90 e sua construção foi a maior intervenção arquitetônica realizada em Icó no século XX. A nova igreja alterou substancialmente a configuração de um dos espaços mais peculiares da cidade: a extensa e larga esplanada, que tinha início na praça da cadeia e do teatro e seguia até a proximidade da igreja do Rosário, agora se vê interrompida em seu centro pelo templo (PESSOA; PICCINATO, 2007, p. 35).

O projeto de intervenção do espaço urbano de Icó planejava construir um novo templo para abrigar a imagem do Senhor do Bonfim, fato esclarecedor acerca da dimensão dos festejos em meados do século XX. Na assertiva de Lima (1998), ao concluir a edificação do novo templo, o pároco teria iniciado os procedimentos para a transferência da imagem e a população da cidade se revoltou, não permitindo a saída da imagem do altar-mor por conta das narrativas sobre a baleia adormecida. A saída da imagem, em uma data diferente da festa, celebrada no dia primeiro de janeiro, faria jorrar água na cidade e Icó se transformaria em braço do mar. Diante da insistência popular, o pároco desistiu da ideia e denominou o novo templo de Igreja São José, onde atualmente ocorre a missa festiva do Senhor do Bonfim.

A relação do clero com os leigos devotos do Bonfim é permeada por tensões e cooperações. Certamente, após a criação da Diocese de Iguatu, a relação tornou-se mais próxima, especialmente nos últimos anos, com a presença do bispo Dom João Costa. Em 2010 as duas paróquias da cidade foram entregues aos frades carmelitas. No ano seguinte, na véspera da romaria, o bispo diocesano decretou a elevação da Igreja do Senhor do Bonfim a condição de Santuário Diocesano, com a indicação de um reitor.¹³ Outra iniciativa de grande relevância foi a criação de uma romaria em preparação aos festejos do dia primeiro do ano, geralmente realizada no mês de novembro, sob a tutela do clero paroquial e diocesano. A Romaria do Senhor do Bonfim foi criada nos idos de 2006 e pode ser vista como uma das ações do bispado no sentido de reinventar as tradições e de implementar a constituição do santuário. Por meio dessa nova celebração, mesmo sem retirar a venerável imagem do altar, tornava-se possível empreender ações presentes no Hino do Senhor do Bonfim de Icó, com a exaltação do Cristo crucificado:

Ò Deus de bondade, de amor sem fim,
Sede hoje exaltado, Senhor do Bonfim
Indignos tormentos, sofrestes por mim.
Ò Pai amoroso, Senhor do Bonfim
Vós sois o divino, Jesus nosso bem
Queremos servi-nos, para sempre, Amém!

Icó se transmutou no espaço de exaltação ao Senhor do Bonfim. Entre novembro e dezembro, emergem os preparativos das festividades, com o ápice no dia primeiro com a procissão solene e, no dia seis, com a celebração da subida da imagem para o altar-mor, em um ato repleto de emoção e euforia, visível pelos gritos em honra ao santo. Contudo, a partir dos anos 70 do século XX, emergiu outra tradição, marcada pelo protagonismo das lideranças políticas da região. Trata-se da criação do arco do Senhor do Bonfim, defronte ao prédio da Prefeitura Municipal, na Rua Ilídio Sampaio, antiga Rua Grande. Observe a Figura VI:¹⁴

¹³ Foi elevado a Santuário Diocesano Senhor do Bonfim no dia 31 de dezembro de 2011, véspera da romaria de 2012.

¹⁴ Figura VI: Arco e tapete do Senhor do Bonfim, na década de 70 do século XX. Fonte: Acervo do IPHAN.



FIGURA VI: Arco e tapete do Senhor do Bonfim.

Fonte: Acervo do IPHAN.

O tapete do Senhor do Bonfim tem sua origem no ano de 1974, quando Icó teria recebido um visitante da região sul do país, que descreveu o uso de tapetes nas procissões. Com isso, na procissão de 1975, pela primeira vez a Prefeitura Municipal teria financiado a confecção dos famosos tapetes nas imediações do prédio do governo municipal, incluindo um arco por onde o carro-andor do Senhor do Bonfim deveria passar. Esse momento, atualmente, é considerado um dos mais esperados por romeiros e moradores da cidade, com gritos efusivos de vivas a veneranda imagem. Pode-se dizer, que das tradições inventadas nas celebrações do Bonfim, a passagem do arco encontra-se na centralidade de importância, juntamente com a chegada e queima das bombas e a subida da mesma ao altar-mor.

Todavia, essa efusão de emoções da passagem do Senhor do Bonfim pelo arco defronte a Prefeitura já foi alvo de tensões ao longo dos anos 80, em decorrência dos usos políticos da festa. O entusiasmo devocional das elites políticas elucidava uma ambiguidade que gerou desconforto diante das autoridades eclesiásticas, que chegaram a proibir a realização da procissão.

Uma prova disso é o fato de não haver uma grande participação dos segmentos populares na confecção dos tapetes. Essa ação tem como maior entusiasta o artista Walmir Pintor. Isso demonstra como as narrativas acerca dos festejos do Senhor do Bonfim em Icó são marcadas pelas ambiguidades. Determinadas memórias são apropriadas pela população, são reificadas e transmutadas em tradições. Outras, contudo,

são marcadas pelas discontinuidades, permanecendo atreladas a determinados grupos políticos. Contraditoriamente, a organização das principais ações que norteiam a procissão encontra-se sob a tutela de pessoas das camadas populares, como o fogueteiro Bonfim Madalena e a moradora Joselita Alves Pereira, responsável pela confecção do arco que circunda a imagem do Senhor do Bonfim no arco-andor, ornamentado manualmente com a aplicação das flores. Outros segmentos populares, contudo, sucumbiram diante da ordenação da festa. É o caso dos vendedores ambulantes, que passaram a atuar nas ruas perpendiculares ao Largo do Théberge. Uma mudança drástica com as festas dos tempos remotos, conforme a Figura VII:¹⁵



FIGURA VII: Vendedores na Festa do Bonfim

Fonte: Acervo do IPHAN.

Ao longo do tempo, o espaço do sagrado foi redefinido, bem como a memória acerca da invenção das tradições foi reconstituída e recontada. A demanda por história acabou por forjar uma esfera sacra sobre a memória, embora isso não tenha implicado na cristalização da mesma. Pelo contrário, a vitalidade mnemônica transparece por meio dos múltiplos usos do passado, com a reinvenção das tradições por meio de outras linguagens. Esse é um elemento que demonstra a apropriação do passado icoense por diferentes gerações. Uma prova disso é a canção “Tamarineiros”, composta por Pedro Lucca Cândido e Luiz Angelim. O rock gravado no disco DruLucca apropria-se das

¹⁵ Figura VII: a Feira da festa do Senhor do Bonfim no Largo do Théberge no início do século XX.
Fonte: Acervo do IPHAN

lendas do Icó e enaltece a sagacidade masculina dos tamarineiros, jovens que acompanham a queima das bombas do “Senhor exaltado”:

Tamarineiros (Drulucca)
Vento que vem do Aracati
Pelo leite seco do Salgado
Leva fumaça cinza daqui
E trás a chuva pra molhar o roçado
Que se Deus permitir
Eu colher em agosto
Eu mudo meu rosto de caba emburrado
Vou pras bombas do hoje exaltado
Eu me curvo e me queimo nas bombas
Ouço os gritos dos tamarineiros
Guardiões da Botija de Glória
Ou são gritos das rasgas mortalhas
As almas penadas
Que assombram essa noite
E quem teme as crendices
Ditas pelo povo
Não brinca com o fogo
Da fé de um cristão
E portanto vos digo, meu caro
Eu vos digo, meu caro
Não ouse... oh ohh
Quantas vezes
Caminhei no mei desse deserto
Sem saber que tinha oásis no mei do sertão
Tantas vezes fui dormir sem pedir benção ao credo
Crendo eu que meu medo
Era meros pretextos do incerto
Da minha superstição
Quantas vezes fui dormir com meio olho aberto
Sem saber se eu tinha medo do bicho papão
Ou por vezes que eu ficava na espreita pro teto
Pensando quem outras vidas
Eu pude ter sido um inseto

Quem sabe eu fui o barão
Não tire o santo do lugar
Não tire o santo do altar dele
Se essa baleia acordar
Esse sertão vai virar mar
E eu quero ver neguim na rede
E pra quem não sabe nadar
Também não vai morrer de sede
E quem não bebe de cumbuca
Quem for feita de açúcar
Não me beije (CÂNDIDO; ANGELIM, 2016).

Na Festa do Senhor do Bonfim de Icó, a experiência emergida por meio das narrativas míticas, torna-se um instrumento pedagógico de orientação das normativas práticas no tempo presente. As assertivas sobre as origens da festa e do santuário denotam para uma questão ambígua. De um lado, delineiam um processo histórico marcado pela inserção de novos elementos simbólicos no âmbito festivo, com a construção de um vasto aparato ritualístico. Do outro, consolida a aparente ideia de permanência das tradições. A festa emerge como a continuidade, o legado outorgado pelas gerações passadas para o nosso tempo e, por sua vez, a herança de nossos dias delegada ao futuro.

4. Considerações finais

As memórias da cidade se confundem, em grande medida, com as da festa. O passado reinventado constrói uma ilusória cápsula cristalizadora das tradições. As narrativas mnemônicas tornam-se diretrizes para a definição dos espaços da festa no tempo presente. O território sacralizado é reificado pela presença da imagem ou pela inserção de novas celebrações ou práticas no enredo festivo. A história perde-se em meio ao vasto leque de narrativas míticas, responsáveis por sacralizar o tempo e o espaço. Da imagem ao santuário, dos itinerários da procissão ao calendário, os usos do passado passam a edificar uma imagem de sagrado, apresentam uma perspectiva mística, escatológica, previsora. Diante disso, torna-se salutar afirmar que a festa do Senhor do Bonfim é uma tradição reinventada cotidianamente. Uma tradição que se reinventa e retroalimenta a vitalidade dos festejos. Como ressalta o hino do Senhor do Bonfim, “uma festa assim, só o Icó faz”.

Referências

- ALVES, Isidoro. *Carnaval devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré*, em Belém. Petrópolis-RJ: Vozes, 1980.
- AZZI, Riolando. Do Bom Jesus Sofredor ao Cristo Libertador: um aspecto da evolução da Teologia e da Espiritualidade católica no Brasil. *Perspectiva Teológica*. nº 18, 1986, p. 215-233.
- BARBOSA, Honório. Imagem do Senhor do Bonfim é restaurada. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 19 de maio de 2007.
- BARBOSA, Honório. Icó se une pelo Senhor do Bonfim. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 4 de fevereiro de 2016.
- CÂNDIDO, Pedro Lucca; ANGELIM, Luiz. Tamarineiros. In: DruLucca. *Café Motor*. EP, 2016.
- COUTO, Padre Francisco de Assis. *A história do Icó: sua genuína crônica, primeira parte 1682 a 1726*. Iguatu: 1962.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das Religiões*. Lisboa: LBL Enciclopédia, 2001.
- FURTADO, Rogério. *Ribeira dos Icó: Série Monumenta*. Brasília: IPHAN, 2008.
- GURGEL, Izabel. Fogo sagrado na Ribeira dos Icó. *Jornal do Povo*. Fortaleza, 6 de janeiro de 2017.
- HOBSBAWM, Eric. J. RANGER, Terence (org). *A invenção das tradições*. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ICÓ NA REDE. *Fotos do Icó*. 20 de agosto de 2013. Disponível em: <http://iconarede.blogspot.com.br/p/historia-e-fotos-do-ico.html> Consultado em: 20 de dezembro de 2016.
- LIMA, Miguel Porfírio de. *Icó entre fatos e memórias*. Vol. 1. Icó, 1994.
- LIMA, Miguel Porfírio de. *Icó entre fatos e memórias*. Vol. 2. Icó, 1998.
- PEIXOTO, Francisco. *Icó: suas histórias, nossas lembranças*. Icó, 2002.
- PESSOA, José; PICCINATO, Giorgio (orgs). *Atlas de centros históricos do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.
- PINTO, J. Marcelo de Alcântara. Os barões do Crato e do Icó. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1953.
- SANTOS, Benedicto. A Capella Senhor do Bomfim, erecta em Aracati. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1917.
- SANTOS, Magno Francisco de Jesus Santos. “O Prefácio dos tempos”: caminhos da romaria do Senhor dos Passos em Sergipe (séculos XIX e XX). Niterói, 320f. Tese (Doutorado em História). UFF, 2015.
- THEBERGE, Pedro. *Esboço Histórico sobre a Província do Ceará*. Fortaleza, 1884.

TUAN, Yu-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. Trad. Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1987.